Globethics Repository



O Capital no século XXI [Capital in the Twenty-First Century]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	desconocido
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 05:42:10
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158513

O Capital no século XXI: O desmonte das teses liberais e da economia neoclássica

"Thomas Piketty, economista francês, demonstra que a desigualdade não é um acidente, mas uma característica inerente ao capitalismo. O autor desmonta as teses econômicas liberais clássicas e neoclássicas e demonstra que hoje é a receita do capital, e não a renda do trabalho, que predomina no topo da distribuição de renda." O comentário é de Cesar Sanson, docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

O comentário se refere ao livro *Capital in the Twenty-First Century* (Cambridge: Belknap Press, 2014), tema de amplo debate que pode ser acompanhado nas **Notícias do Dia** da página do IHU (www.ihu.unisinos.br)

O artigo publicado a seguir é uma síntese da Conjuntura da Semana publicada nas 'Notícias do Dia", no sítio do IHU, em 12-05-2014, sob o título 'O Capital no século XXI': O desmonte das teses liberais e da economia neoclássica.

A análise é elaborada, em fina sintonia com o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, com sede em Curitiba-PR, e pelo Prof. Dr. Cesar Sanson. A atual análise também contou com a participação do Prof. Dr. André Langer.

A íntegra da análise, com os respectivos links, pode ser lida aqui: http://bit.ly/conjuntura120514

Eis o artigo.

Desigualdade não é um acidente, é inerente ao capitalismo rentista

Uma das grandes novidades da primeira década deste século foi a irrupção do movimento antiglobalização em suas versões "O Povo de Seattle" [milhares de manifestantes impedindo a rodada da Organização Mundial do Comércio – OMC] e o "Povo de Porto Alegre" [Edições do Fórum Social Mundial]. Na esteira de ambos – sempre por ocasião dos encontros do G-8, FMI, Banco Mundial –, grandes atos ocorreram em Quebec, Praga, Melbourne, Gênova. Agora, nesta década, assiste-se a novos movimentos como *Occupy Wall Street* e o Movimento dos Indignados.

Embora com diferenças, tanto os movimentos do início da década como os de agora denunciam o fato de que o "capitalismo não está mais funcionando". A consigna do movimento Ocuppy (*We are the 99%*)[1] resume a percepção de que o mundo foi engolido pela financeirização e é controlado por uma espécie de superclasse mundial, não superior a 1% da população mundial.

Essa percepção do movimento antiglobalização e dos novos movimentos ganhou um aliado de fôlego, a obra *Capital in the Twenty-First Century* [*O capital no século XXI*]. A tese dos movimentos de que o mundo é controlado por uma oligarquia financeira é corroborada com consistência pelo livro. De autoria de Thomas Piketty[2], jovem economista francês,

1 **Occupy**: série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de *Wall Street*, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento *Occupy*. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvimento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Thomas Piketty** (1971): economista francês, concentra seus estudos no acúmulo e desigualdade de renda. É diretor

a obra já é considerada um clássico e vem ganhando enorme repercussão em todo o mundo.

A obra de Piketty, elogiada por economistas progressistas de peso como Joseph Stiglitz[3] e Paul Krugman[4], ambos prêmios Nobel da Economia, e reconhecida como consistente por economistas conservadores, é considerada inovadora. A interpretação é de que suas teses levarão a mudanças substanciais na maneira pela qual pensamos a sociedade e concebemos a economia.

A tese central do livro de quase 700 páginas é de que numa economia onde a taxa de rendimento sobre o capital supera a taxa de crescimento, a riqueza herdada sempre crescerá mais rapidamente do que a riqueza conquistada, ou seja, estamos retornando a um 'capitalismo patrimonial'. Segundo Piketty, o crescimento da desigualdade é inerente ao capitalismo, porque a taxa de retorno ou rendimento do capital (R: *rate of capital return*) é superior à taxa de crescimento econômico (G: *rate of economic growth*), relação resumida na versão em inglês do livro como "R>G" (R maior que G).

A explicação é que os juros da renda, quer seja um portfólio de ações, um bem mobiliário ou um complexo industrial, giram em torno de 5%. Se a taxa de crescimento cai abaixo disso, os ricos ficam mais ricos. E, ao longo do tempo, os herdeiros de grandes fortunas começam a dominar a economia.

Piketty demonstra, portanto, que hoje é a renda do capital, e não a renda do trabalho, que predomina no topo da distribuição de renda. Dessa forma, destaca, além de estarmos retornando ao século XIX, em termos de desigualdade de renda, estamos no caminho de volta ao capitalismo patrimonial, na qual o topo da economia é ocupado não por indivíduos talentosos, mas por dinastias familiares. Se o sujeito não nascer na riqueza, será bastante difícil enriquecer.

Logo, o fato de que os filhos dos ricos podem desfrutar de uma vida sabática, enquanto os filhos dos pobres continuam transpirando dentro de seus uniformes não é acidental: é o sistema funcionando normalmente. Segundo o conservador *The Economist*, hoje 1% da população tem 43% dos ativos do mundo. Os 10% mais ricos detém 83%.

Assim, o autor d'*O capital no século XXI* põe por terra o mito central do capitalismo e a sua justificativa moral: aquela de que a riqueza é gerada pelo esforço, pela criatividade, pelo trabalho, pelo investimento, pelo risco assumido. Piketty desmonta a tese dos conservadores: a insistência em que vivemos em uma meritocracia na qual se ganham grandes fortunas e estas são merecidas.

Desmonte das teses liberais e da economia neoclássica

O autor do *Capital no século XXI* desmonta as teses liberais clássicas. Piketty bate de frente com a premissa da economia neoclássica baseada em Adam Smith[5] e David Ricardo[6], que considera que a distribuição da riqueza é um tema secundário do crescimento e que em "economias maduras" (desenvolvidas) a desigualdade se reduz naturalmente. Esta tese se baseava na chamada curva de Simon Kuznets[7], a qual

de pesquisas da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e professor da Escola de Economia de Paris. É autor de numerosos artigos e livros, incluindo o livro best-seller *O Capital no Século XXI*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Joseph Stiglitz**: ex-vice-presidente do Banco Mundial – Bird -, foi chefe dos economistas no governo Clinton, Estados Unidos, e prêmio Nobel de Economia 2001. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros, traduzidos para o português: *A globalização e seus malefícios* (São Paulo: Futura, 2003) e *Os Exuberantes anos 90* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003). Deste autor, a **IHU On-Line** publicou a entrevista *Fracasso da OMC - Vitória da democracia*, concedida ao jornal *Libération*, na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003, cujo arquivo em pdf está disponível em http://bit.ly/ROUm3G (a entrevista pode ser encontrada na p. 11). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Paul Robin Krugman** (1953): economista estadunidense, ganhador do prêmio Nobel de Economia de 2008, professor de Economia e Assuntos Internacionais na Universidade Princeton. É autor de *Economia internacional*, em conjunto com Maurice Obstfeld (São Paulo: Pearson, 2010); *Economia espacial*, em conjunto com Masahisa Fujita e Antony J. Venables (São Paulo: Futura, 2002); *A Desintegração Americana* (Río de Janeiro: Record, 2006); *A Crise de 2008 e a Economia da Depressão* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2009); *Um Basta à Depressão Econômica!* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2012). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O IHU promoveu em 2005 o *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** nº 133, de 21-03-2005, disponível em http://bit.ly/ihuon133. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 dos **Cadernos IHU Ideias**, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download em http://bit.ly/ihuid35. Smith foi o tópico número *I do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009*, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O *Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010*, em seu primeiro módulo, falou sobre *Adam Smith: filósofo e economista*. Em sua edição 2011, esse evento contou com a palestra do Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo, em 29-08-2011, com o tema *Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **David Ricardo** (1772-1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. O Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia – Edição 2010, em seu segundo módulo, fala sobre *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo*. Para conferir a programação do evento, visite http://migre.me/xQsg. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Simon Kuznets (1901-1985):** economista russo naturalizado estadunidense. Recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1971. O prêmio foi recebido pela sua famosa

postulava que, embora as economias fossem muito desiguais na primeira etapa da industrialização, tornar-se-iam mais igualitárias com o tempo, em virtude de um processo de amadurecimento intrínseco, resultado do crescimento.

Kuznets sustenta a tese de que a lacuna da desigualdade inevitavelmente encolhe à medida que as economias se desenvolvem e se tornam sofisticadas. O economista bielorrusso fez uso das informações disponíveis à época para mostrar que, embora as sociedades se tornassem mais desiguais nos primeiros estágios da industrialização, esta desigualdade diminuiria à medida que elas alcançassem a maturidade. Tal "curva de Kuznets" fora aceita pela maioria dos economistas até Piketty e seus colaboradores produzirem as provas para mostrar que isso era falso. Na verdade, a curva vai exatamente na direção oposta: o capitalismo começou desigual, achatou a desigualdade durante grande parte do século XX, mas atualmente está voltando em direção aos níveis *dickensianos* de desigualdade no mundo.

Kuznets desenvolveu sua hipótese nos anos 1950 e 1960, no mesmo período em que o capitalismo gozou de seus "25 anos dourados" (1947-1973), em que o crescimento chegou a 4,5% anualmente. Segundo Piketty, este período é uma exceção, em razão de fatores históricos aleatórios e institucionais. Piketty analisou a evolução de 30 países ao longo 300 anos e diz que, caso se analise o período de 1700 até 2012, percebe-se que a produção anual cresceu em média 1,6%. Ao contrário, o rendimento do capital foi de 4 a 5%".

Soluções no próprio terreno do capitalismo

A grande contribuição do livro de Thomas Piketty é demonstrar que a desigualdade não é um acidente, mas uma característica inerente ao capitalismo. Aqui ele se aproxima de Marx[8]. A obra de Piketty, entretanto, diferentemente de *O Capital* de Marx, contém soluções no próprio terreno do capitalismo. A crítica de Marx ao capitalismo não era sobre a distribuição, mas sobre a produção. Para Marx, não seria o aumento da desigualdade, mas sim uma ruptura no mecanismo de lucro que levaria o sistema a seu fim. Já a abordagem de Piketty não é destruir o capitalismo, mas reformá-lo através de forte intervenção estatal via tributação da riqueza financeira-patrimonial. Nessa perspectiva, a solução proposta por Piketty é tributar pesadamente os muito ricos.

A esquerda abandonou a luta pela igualdade

A problemática das desigualdades retoma o tema da esquerda, relação essa que se esfumaçou. A esquerda esqueceu-se – ou, talvez, seja melhor dizer abandonou (conscientemente) – a luta pela igualdade. De acordo com o pensador político italiano Norberto Bobbio, um dos elementos que distingue a esquerda da direita é justamente o lugar e a importância concedidos à igualdade.

Mas, nas últimas décadas – marcadas por uma nova revolução tecnológica, pela emergência da economia financeira, que resultou na globalização hegemonizada pelo mercado e, concomitantemente, no fim dos grandes discursos interpretativos e na crise da esquerda em todo o mundo –, assistiu-se a um lento e progressivo retorno das desigualdades econômicas e sociais.

A esquerda historicamente fez da luta pela igualdade uma das suas principais bandeiras. Entretanto, abandonando sua ousadia e criatividade, ou rendendo-se à *realpolitik* na medida em que a política passou a estar cada vez mais próxima da gerência empresarial, a esquerda foi se descaracterizando a ponto de alguns se perguntarem se a distinção entre direita e esquerda ainda fazia sentido ou se não se tornara "anacrônica".

PT abandou a 'bandeira' da taxação dos mais ricos

Um aspecto interessante da obra de Piketty, mencionado anteriormente, é exatamente o de desafiar a narrativa de centro-esquerda, particularmente da social-democracia que acreditou que o liberalismo poderia coexistir com a distribuição de renda. A ideia do "iate do oligarca coexistindo com o banco de alimentos para todo o sempre", em síntese de Paul Krugman sobre o livro de Piketty. É por isso que a esquerda fracassou na Europa e também a pretensa esquerda dos democratas americanos. Elas jamais se atreveram em alterar a dinâmica concentradora de renda.

Com a esquerda latino-americana, particularmente a brasileira, se deu o mesmo. A chegada da esquerda no poder não alterou a dinâmica concentradora de renda dos mais ricos. O que se assistiu e ainda se assiste é que os que sempre ganharam muito continuam ganhando.

O PT abandonou as 'bandeiras' de taxação dos mais ricos. Recuou na auditoria da dívida externa – um ralo que absorve quase metade do orçamento para o pagamento dos encargos da dívida; disse não à taxação do capital financeiro na reunião da cúpula do G20 em Toronto em 2010; nunca esboçou sequer um projeto – proposta que historicamente defendia – de taxação da riqueza e da herança patrimonial e não ousou numa reforma tributária progressiva de tirar dos mais ricos para transferir para os mais pobres.

O PT fracassou rotundamente num projeto de afrontar a escandalosa renda dos mais ricos[9].

"curva de Kuznets", que relaciona 'Desigualdade de Renda' ao 'Crescimento do Produto' de uma Economia. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em http://bit.ly/rhygyP. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/JwXRSa. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Sobre o livro de Thomas Piketty, consulte o sítio do IHU (http://www.ihu.unisinos.br) para as análises e entrevistas publicadas após a publicação da Análise de Conjuntura acima sintetizada. (Nota da **IHU On-Line**)